

ATUAÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO DO PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Enfermeira Beatriz Muniz Silva Santana
Praia Grande, SP, Brasil.

Enfermeira Roselaine Rodrigues Alves
Praia Grande, SP, Brasil.

Profa. Me. Raquel de Abreu Barbosa de Paula

Enfermeira, Pedagoga, Mestre em Saúde - Inovação no Ensino Superior, Licenciatura em Enfermagem, Especialista em UTI, Estomaterapeuta, Especialista em Educação em Saúde, Especialização Saúde Mental e Psiquiatria, Especialização em Gestão Hospitalar. Professora na Faculdade do Litoral Sul Paulista (FALS), Praia Grande, São Paulo, Brasil.

Resumo

Introdução. Transtorno do Espectro Autista (TEA) constitui um grupo de distúrbios do desenvolvimento neurológico, que deve ser identificada precocemente para que a criança possa passar pelo tratamento adequado, amenizando o comprometimento das habilidades sociais, de comunicação e de comportamento estereotipados. Quando atendida em uma unidade de emergência, observa-se dificuldades de abordagem e conduta. **Objetivo.** Avaliar a atuação da equipe de enfermagem no atendimento emergencial de um paciente com Transtorno do Espectro Autista. **Método.** Trata-se de uma revisão bibliográfica de literatura. **Resultados.** A maioria das pesquisas refere-se a questões da educação e inclusão social, o que colabora para a falta de protocolos de atendimento e baixo conhecimento do tema, principalmente no atendimento em pronto-socorro. **Conclusão.** Conhecer a atuação da enfermagem frente ao paciente TEA em situação de emergência realça a importância da reflexão do processo contínuo de caminhos para o crescimento e qualidade das relações humanas, vislumbrando aprendizagens efetivas e significativas para a excelência na formação do profissional e atuação profissional eficiente e humanizada.

Palavras – Chave: Transtornos do Neurodesenvolvimento. Humanização da Assistência. Enfermagem em Emergência.

Abstract

Introduction. Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a group of neurological development disorders that must be identified early so that the child can undergo the appropriate treatment, easing the impairment of stereotyped social, communication and behavior skills. When assisted in an emergency unit, there are difficulties in approach and conduct. **Goal.** Evaluate the role of the nursing team in the emergency care of a patient with Autistic Spectrum Disorder. **Method.** This is a literature review of the literature. **Results.** Most research refers to issues of education and social inclusion, which contributes to the lack of care protocols and low knowledge of the subject, especially in emergency room care. **Conclusion.** Knowing the role of nursing in relation to ASD patients in emergency situations highlights the importance of reflecting on the continuous process of paths for the growth and quality of human relationships, envisioning effective and meaningful learning for excellence in professional training and efficient and humanized professional performance.

Words–Key: Neurodevelopmental Disorders. Humanization of Assistance. Emergency Nursing.

INTRODUÇÃO

A enfermagem, até hoje, busca encontrar sua base como ciência, já que muitas pessoas ainda pensam que enfermagem é uma profissão inferior a outras como medicina, então uma das maiores tarefas da enfermagem é desmistificar essa visão colocada sobre a profissão (MARIA, 2011).

Mesmo que muito julgada, a enfermagem vem se tornando cada vez mais fundamental na sociedade atual, já que esta possui um papel essencial nas instituições de saúde, o acolhimento, que é necessário, principalmente, nos setores de urgência e emergência, que é a uma porta de entrada para os mais diversos casos e usuários. O acolhimento é, basicamente, uma maneira de realizar os processos de saúde de uma forma que atenda a todos que procuram os serviços de saúde, assumindo uma postura de ouvinte e busca responder as dúvidas e auxilia o paciente, até onde estiver em seu alcance (GUEDES, 2013).

A grande quantidade de atendimentos que abalam a segurança do ser humano levam a um aumento na procura pelo atendimento de saúde pública. Com os casos que chegam e a intensa movimentação. Além desses casos, existe mais um que muitos enfermeiros sentem receio, o atendimento a pessoas especiais, que necessitam de um atendimento diferenciado e um maior acolhimento, e nesses momentos se faz necessário a participação de um profissional com maior conhecimento sobre o assunto, que normalmente estão em estabelecimentos com o CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) e a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) (NASCIMENTO, 2011).

Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracterizado por um grupo de distúrbios que alteram o desenvolvimento neurológico, com início precoce, deve ser identificada até o sétimo ano de vida da criança para que ela possa passar pelo tratamento adequado, se não pode causar danos neurológicos, como o comprometimento das habilidades sociais, de comunicação e de comportamento estereotipados, aqueles mais conhecidos pelas pessoas que não tem conhecimento aprofundado do assunto. Embora sofra com estereótipos, o TEA possui diferentes tipos, que variam de cada tipo de pacientes, abrangendo assim desde pessoas com deficiência intelectual, diferentes graus de habilidades comportamentais, e variando até o Quociente de Inteligência (QI), o que resulta na rotina relativamente próxima, ou igual a das pessoas neurotípicas (GRIESI-OLIVEIRA, 2017).

Pessoas com TEA podem também sofrer com comorbidades, sendo elas Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, distúrbios do sono, distúrbios gastrointestinais e outros transtornos neurológicos, como Epilepsia. Há pesquisas que apontam dados em que se pode observar a maior incidência TEA em pessoas do sexo masculino, sendo cerca de quatro vezes mais prevalente nos homens do que em mulheres (GRIESI-OLIVEIRA, 2017).

Estudos estimam que, no Brasil o índice de crianças e adolescentes com TEA seja de 10% a 20%, considerando que 4% deles precise de um tratamento intensivo. Os sintomas, que podem se manifestar a partir dos três anos de idade, e apresentam-se a partir das mais variadas formas, dentre eles: alterações de comportamento (medo e confusão mental), baixa tolerância à mudanças (rotina, ambiente, moradia), dificuldades em compreender e aceitar as regras, hipossensibilidade ou hipersensibilidade. As crianças apresentam respostas próprias à estímulos sensoriais e dificuldade de abstração, podendo possuir também resistência à dor e estímulos dolorosos (NASCIMENTO, 2018).

Teoria da Autodeterminação é um modelo que evidencia as necessidades psicológicas básicas, que tem três pilares, sendo eles: autonomia, competência

e pertencimento de todos os indivíduos e as construções sociais geradas pelo ambiente. As necessidades psicológicas básicas são características existentes na natureza humana, ou seja, todas as pessoas possuem dentro de si. A Teoria da Autodeterminação tem como objetivo investigar as Necessidades Psicológicas Básicas dos indivíduos, criando discussões e novas teorias onde há a associação do suporte, apoio do ambiente e a satisfação. Essa Teoria é considerada como uma macroteoria da motivação e é formada por cinco subteorias que interagem e combinam entre si, e a Teoria das Necessidades Psicológicas básicas é uma delas, que explica a o fato de as pessoas possuírem necessidades inatas, que são percebidas como necessárias e essenciais quando satisfeitas (CERNEV, 2013).

No Brasil a prevalência do TEA está em torno de 27,2 casos para cada 10.000 habitantes segundo dados de 2016, sendo um dos mais atualizados. Esse aumento de casos pode ser associado com o maior conhecimento das pessoas em relação ao conhecimento dos pais de crianças com idade entre três e sete anos, e da sociedade, que está com maior percepção na ocorrência e manifestações clínicas, que pode ser percebida pelo professor, médico ou enfermeiro que tem contato com a criança além dos pais (FORTE, 2019).

Quanto a epidemiologia na Baixada Santista, não demanda uma base que tenha a quantidade de pessoas TEA em cada região para que houvesse a possibilidade de consultar e usar como fonte de pesquisa para acrescentar dados, assim como a falta de pesquisas de campo nessa área. Através do Censo Educacional 2018 foi possível contabilizar uma média de alunos TEA matriculados nos colégios, sendo assim, dos 48,5 milhões de matrículas cadastradas nos sistemas escolares municipais e estaduais, 105.842 mil possuem o laudo de Transtorno do Espectro Autista, sendo um valor 37,27% maior do que o ano anterior, que foi de 77.102 mil crianças (FURLANETO, 2016; INEP, 2019).

Este estudo justifica-se pela importância de o profissional da saúde, mais especificamente o enfermeiro, saber como agir frente o atendimento de um paciente com Transtorno do Espectro Autista.

A hipótese deste estudo é haver a possibilidade de o atendimento ser ineficaz na emergência frente a um paciente com Transtorno do Espectro Autista, inserido em um processo de trabalho no atendimento que não esteja de acordo com a Política Nacional de Humanização, necessitando de um novo olhar e formato de atendimento, uma vez que não se têm um treinamento específico para atender esta demanda.

A questão norteadora deste estudo é: a equipe de enfermagem está preparada para atender um paciente com Transtorno do Espectro Autista?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Avaliar a atuação da equipe de enfermagem no atendimento emergencial de um paciente com transtorno do espectro autista – TEA.

Objetivo específico

Identificar aos principais diagnósticos de enfermagem do NANDA 2021-2023 relacionados no atendimento emergencial de um paciente com transtorno do espectro autista – TEA, que contribuem para o aprimoramento da assistência e desempenho da prática profissional na enfermagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo do TEA que temos hoje descendem das pesquisas que se iniciaram por volta de 1980, pois antes de ser descrito pela primeira vez em um manual de classificação médica, esse transtorno era considerado como uma reação esquizofrênica ou uma psicose da infância.

Atualmente, se colocado na base do Google Acadêmico o nome do transtorno, excluindo citações e patentes aparecem 17.400 resultados, sendo que, se for reduzindo para um limite de dez anos, o resultado é de 14.100, mostrando esse tema começou a ser muito pesquisado pela saúde, mas ainda assim, a grande maioria das pesquisas ainda se refere a questões da educação e sociedade na questão de inclusão (CANDIDO, 2019).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Desordens Mentais fez com que todos os transtornos com traços semelhantes sendo: transtorno de Asperger, transtorno desintegrativo da infância e transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação, fossem diagnosticados dentro de um mesmo espectro, os quais seriam classificados como TEA (BONFIM, 2020).

É importante que o TEA seja diagnosticado o mais precocemente possível, já que isso possibilita o tratamento e o desenvolvimento neurológico que pode proporcionar um melhor desenvolvimento das habilidades sociais, funções executivas e melhora da coordenação motora, que pode nem ser afetada de maneira grave com o acompanhamento de um profissional. Isso se deve porque, até os sete anos os canais de desenvolvimento das tais habilidades ainda não estão completos e podem ser retardados ou revertidos, o que é impedido quando a pessoa é diagnosticada mais tardiamente (MARANHAO, 2017).

Algo necessário de ser reafirmado, é que não existe um protocolo de atendimento para pacientes com Transtorno do Espectro Autista, e isso é algo evidenciado pelos pais de crianças e adolescentes que estão inclusos nesse espectro. Por isso há a necessidade de uma equipe multidisciplinar, composta por pessoas aptas a atender pacientes que demandam de uma atenção diferenciada. Além de o profissional também não ter o conhecimento necessário para atender a necessidade dos cuidadores e suprir as suas dúvidas (HOFZMANN, 2019).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada por meio de levantamento da produção científica relacionada aos objetivos do estudo que busca avaliar a atuação da equipe de enfermagem frente ao atendimento de um paciente TEA, avaliando assim o preparo dos profissionais para o atendimento de pessoas com neurodivergências.

Foram avaliados artigos de bases de dados diversas com a intenção de embasar a pesquisa e responder à questão norteadora da forma mais fidedigna possível, fazendo uso das pesquisas com mais contexto ao tema do estudo e aqueles com maior atualização.

Para iniciar e direcionar esta pesquisa científica, primeiramente foi elaborada uma questão norteadora: “Será que o enfermeiro está preparado para atender um paciente com Transtorno do Espectro Autista?”, e a partir dela iniciaram as buscas.

Para responder à pergunta norteadora foi realizado um levantamento a partir seguintes bases de dados: Base de Dados Brasileira de Enfermagem (BDenf), Medical Literature Analysis and Retrieval System On-Line (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências de Saúde (LILACS), National Library of Medicine (PUBMED) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), com corte temporal de dez anos, para garantir uma maior fidedignidade dos dados.

Os critérios de inclusão dos estudos na pesquisa foram: artigos escritos nos idiomas português, inglês ou espanhol, publicados em revistas nacionais ou internacionais, com texto completo e com variadas metodologias utilizadas.

RESULTADOS

Quadro 1. Síntese dos resultados referente a atuação da equipe de enfermagem no atendimento emergencial de um paciente com transtorno do espectro autista - TEA

AUTOR/ANO	TÍTULO
DARTORA et al., 2014	A equipe de enfermagem e as crianças autistas
SENA et al., 2015	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil.
BARBOSA et al., 2017	A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo.
FERNANDES et al., 2018	A importância do cuidado de enfermagem diante do paciente com espectro autista
OLIVEIRA, 2018	Atuação do enfermeiro no cuidado à criança com transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura
ANJOS, 2019	Ações de Enfermagem no acompanhamento de pacientes com Transtorno de Espectro Autista
DUARTE et al., 2020	Transtorno autístico: atuação do enfermeiro.
FRANÇA et al., 2020	Conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre crianças com transtorno do espectro autista: revisão literária.
DIAS et al., 2015	Sistematização da assistência de enfermagem (sae), do cuidador de criança autista.
FRANZOI et al. 2016	Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial.
MAPELLI et al. 2018	Child with autistic spectrum disorder: care from the family.
SALIMENA et al., 2018	Vivências de mães de crianças com transtorno de espectro autista: estudo fenomenológico.
FERREIRA, 2018	Conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre os Transtornos do espectro do autismo.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021

Quadro 2. Síntese dos resultados relacionados aos principais diagnósticos de enfermagem do NANDA 2021-2023 relacionados no atendimento emergencial de um paciente com transtorno do espectro autista – TEA.

DIAGNÓSTICO	CARACTERÍSTICAS DEFINIDORAS
Comunicação verbal prejudicada	Ausência de contato visual; Dificuldade em manter a comunicação; Dificuldade em usar expressões corporais e faciais; Dificuldade na atenção seletiva;; Dificuldade para expressar pensamentos verbalmente; Dificuldade para falar e para formar frases e palavras; Incapacidade de fala; Incapacidade de usar expressões corporais; Incapacidade de usar expressões faciais.
Ingestão alimentar alterada	Seletividade alimentar
Sono inadequado	Dificuldade para dormir
Autocuidado inadequado	Necessita de auxílio e supervisão constante para o autocuidado
Compreensão comprometida	Dificuldade para compreender a comunicação; Desorientação no espaço; Desorientação no tempo.
Adaptação / enfrentamento inadequado	Incapacidade de adaptar-se a mudanças
Processos familiares disfuncionais	Abuso verbal de pai/mãe; Agitação; Alteração na concentração; Dificuldade com relacionamento íntimo; Dificuldade com transição de ciclo de vida; Expressão inapropriada de raiva.

Fonte: elaborada pelas autoras, 2021.

DISCUSSÃO

Dentre as dificuldades gerais de comunicação que pode acometer e dificultar, temos a dificuldade em compreensão das sutilezas de linguagem, como piadas, sarcasmo ou ironia, além de também terem problemas para interpretar expressões corporais e faciais, o que muitas vezes causa um estranhamento no enfermeiro que não tem conhecimento dessas informações. Em muitos casos, o paciente pode chegar em surto ao pronto-socorro, isso porque, a ida é algo fora da rotina de um paciente TEA, e uma características é a inflexibilidade para mudanças na rotina, já que eles precisam de uma rotina ritualizada, ou seja, eles tem uma sequência de ações planejadas que são seguidas durante todos os dias, e sair dessa rotina gera um grande estresse para eles, e há a necessidade de um protocolo hospitalar para ação da equipe quando eles chegarem durante uma crise de surto, e na falta dele uma das primeiras ações da equipe é a contenção do paciente, que em quase todos os casos apenas piora a situação (DARTORA, 2014).

Um dos maiores problemas encontrados pelos profissionais da saúde é a comunicação com o paciente TEA, primeiramente pela questão de que, em alguns casos a fala é prejudicada pelo transtorno, o que impede o desenvolvimento de comunicação pela conversa, e outros são muito introspectivos para a comunicação com pessoas desconhecidas, o que também traz muitas dificuldades para o atendimento emergencial (BARBOSA, 2017)

O enfermeiro tem a capacidade necessária de proporcionar o atendimento, mas, ainda assim há a necessidade de os estabelecimentos públicos e privados ofertarem melhores condições de desenvolvimento do profissional, e dependendo do setor onde o enfermeiro trabalha, é importante ressaltar a importância de um protocolo para dar o suporte necessário, além de claro, um treinamento onde o enfermeiro aprenda o essencial que não é

ensinado durante a graduação, mas que é necessário para sua vida profissional (SENA, 2015).

É possível analisar que há a necessidade de um melhor atendimento ao paciente TEA, não apenas do profissional da enfermagem, mas de todas as áreas da saúde. E para auxiliar e cuidar de uma criança autista é necessário um maior esforço para conseguir a confiança do paciente, além de também ser muito necessário que eles percebam as diferenças entre os pacientes com esse transtorno, pois nenhuma criança TEA é igual, cada uma tem a sua característica individuais. Seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Saúde faz uma exigência de que os enfermeiros sejam os indicados a prestar o primeiro atendimento ao paciente TEA, onde este também deve recomendar o atendimento via SUS para o acompanhamento do TEA e de sua família a todos aqueles que chegam sem uma estrutura estável com a criança, ou por não aceitar o transtorno do filho, ou por não saber do mesmo (FERNANDES, 2018).

Por mais que existam muitos artigos referente ao tema do Autismo, ainda é necessário o desenvolvimento delas, pois poucos são aqueles que podem ser relacionados com a área da enfermagem, o que desencadeia o baixo conhecimento do transtorno por estes profissionais, principalmente no atendimento em pronto-socorro, onde deveria ter um protocolo para o profissional saber como agir com a chegada de um paciente TEA, pois seu atendimento é, necessariamente, diferenciado daquele prestado a um cliente normotípico (OLIVEIRA, 2018).

O diagnóstico do TEA é algo de alto grau de complexidade, e há a necessidade deste ser descoberto de forma precoce, já que, o transtorno dificulta o desenvolvimento da criança, sendo este, de coordenação, fala, motor e até afetivo. Há um consenso entre as áreas da saúde que argumenta a importância da identificação e do início para que esse desenvolvimento seja realizado, e isso exige uma atenção multiprofissional, de fonoaudiólogos, neuropediatra, fisioterapeuta, pedagogo, psicopedagogo e o enfermeiro, para que o trabalho ocorra em sintonia. Esse tratamento precisa ser contínuo, pois é cientificamente provado que, quando há o cessar dessas atividades, há também uma regressão de aprendizado da criança/adulto TEA (ANJOS, 2019).

A falta do conhecimento do profissional sobre esse tema também é algo que acaba por afetar aos pais, que muitas vezes não tem qualquer preparo para lidar com o transtorno, e isso faz com que estes se sintam ainda mais desorientados no tratamento do filho, já que os profissionais acabam por não terem as informações necessárias para passar aos pais para suprir suas dúvidas (DUARTE, 2020).

Há a necessidade de um ensino mais específico sobre o atendimento ao paciente TEA durante a graduação, principalmente pelo fato de que, a quantidade de pessoas com esse transtorno vem aumentando no mundo inteiro, algo que é visível mesmo que ainda não haja cadastros em muitos países para servir de base àqueles que realizam pesquisas sobre este tema em específico.

A falta do ensino e de preparo do profissional da saúde, mais especificamente da enfermagem, nessa área de saúde mental em transtornos faz com que poucas pesquisas sejam realizadas, e mesmo que indiretamente, dificulta o cuidado com o paciente por não ter qualquer noção de como devem agir, e isso ocorre na emergência, que já é um setor onde os profissionais sofrem uma grande pressão, e quando chega um paciente que precisa de uma atenção

diferente, muitas vezes, o enfermeiro não sabe qual a melhor forma de agir (FRANÇA, 2020).

Segundo a pesquisa de Dias (2015) cerca de 90% dos pais não sabiam nada sobre o transtorno antes do diagnóstico ser concluído, considerando que nesse estudo foram entrevistadas 10 famílias, apenas um entre todos sabiam sobre o transtorno, o que mostra o quanto a sociedade não está preparada para a interação com pessoas TEA, o que traz a necessidade de uma maior abordagem em torno desse assunto. A pesquisa também trouxe à tona a questão de socialização, que acaba sendo um estereótipo para aqueles que conhecem sobre o transtorno, que é a questão do relacionamento, onde 50% das famílias afirmaram que sim, há uma dificuldade no relacionamento, o que embasa a questão de que nem todas as pessoas TEA são introvertidas.

Não é apenas o profissional de enfermagem que têm dúvidas e intercorrências durante o atendimento de um paciente TEA, isso porque, a família é a base principal, aquela que vive diariamente e, muitas vezes não tem base para entender ou lidar com muitas situações que são expostos, e por vezes acabam contratando cuidadores para auxiliá-los no cuidado da pessoa TEA, mas estes, muitas vezes, acabam não possuindo o conhecimento sobre o transtorno.

Existem formas simples com a qual o enfermeiro pode proceder em meio ao atendimento emergencial de um paciente TEA, diferente do que pode ocorrer em muitos casos, a contenção é a forma que se deve excluir totalmente do uso, pois tal método de controle, além de não ajudar, apenas deixa o paciente mais incomodado e agressivo.

Assim, recomenda-se que a técnica deva ser trocada por formas que se conquiste a confiança e acalme o paciente, como a musicoterapia, técnica que comprovadamente ajuda com estímulos calmantes e atraem a atenção para que o procedimento possa ser executado, ainda mais porque, segundo o parecer n. 025/2010 emitido pelo Conselho Regional de Enfermagem do Estado de São Paulo, o tem a competência para a utilização da musicoterapia no cuidado do paciente.

O uso de músicas durante o atendimento de um paciente TEA, além de acalmar a criança, desenvolve a habilidade de relacionamento, proporcionando a enfermagem uma porta de entrada na intervenção, o que auxiliou na interação com o paciente, assim como na contribuição da melhora de sua linguagem verbal e não verbal (FRANZOI, 2016).

O enfermeiro, como o profissional com maior contato com a família do paciente TEA deveria ser a pessoa que passa o conforto e apoio necessário para essas pessoas, pois o espaço entre a descoberta dos primeiros sinais até o diagnóstico validado é algo que causa um grande estresse, principalmente nos pais, que por sua vez são os cuidadores principais, e que precisam de alguém que lhes explique a situação em uma linguagem menos técnica, que é muito usada pelos médicos especialistas e muitas vezes acabam por dificultar o entendimento.

Além da dificuldade de comunicação, esses cuidadores também precisam lidar com fatores como a descrença de instituições que deveriam acolher esses pacientes, e muitas vezes acabam por discordar do laudo de um especialista e se recusar a atender, justificando que por seu um transtorno que vem sendo muito estudado, está sendo usado como justificativa para qualquer ação agressiva ou hiperativa.

Visando todo esse cuidado, é bom novamente afirmar a relevância de tal aprendizado, mesmo como generalista, o enfermeiro tem a necessidade de aprender sobre esses transtornos, mesmo que este não pretenda seguir a determinada área da saúde, já que tal profissional é o que proporciona a atenção mais ampla e humanizada a todos os envolvidos na história, e para garantir um bom tratamento e atendimento, é necessário que o enfermeiro ganhe a confiança do paciente, e para que tudo isso seja capaz de acontecer, é necessário o preparo desses profissionais, que muitas vezes não se sente apto por não conhecer sobre (MAPELLI, 2018).

Considerando toda a questão familiar que vai se alterar com o início dos primeiros sinais e o laudo do transtorno, as estratégias de cuidado com essas pessoas podem ser baseadas em intervenções de enfermagem que reconheçam a fragilidade que as famílias podem sofrer e promovam seu empoderamento, para que eles possam superar e enfrentar os obstáculos que estarão por vir.

É atribuída ao enfermeiro diversas funções diferentes em uma grande quantidade em diversas áreas da saúde, e na questão do atendimento de um paciente TEA não é diferente. A necessidade de o enfermeiro ter o conhecimento sobre essa determinada área é algo altamente relevante que deveria ser abordado durante a graduação, isso porque, mesmo como um profissional generalista, forma que se qualifica na graduação, o contato com paciente TEA é algo que vai ocorrer em algum momento, e este tem a responsabilidade, principalmente na atenção primária, de ser a ponte entre a família e a equipe multiprofissional, além de ser a profissional que vai ter o maior contato com a família, podendo assim ofertar assistência diante a todas as dificuldades encontradas pela família (SALIMENA, 2018).

Ainda assim, hoje em dia, muitos estudantes afirmam que o conhecimento obtido acerca da temática TEA não descendeu de suas graduações, que ainda estão em andamento, mas sim de locais diversos, variando da internet, até series e filmes que trazem esse assunto à tona, mas com isso vem uma grande problemática, muitos dos meios de entretenimento que abordam esse assunto apenas fortalecem mais os estereótipos e estigmatizar tal transtorno.

É possível avaliar que, mesmo possuindo a obrigatoriedade de um enfermeiro no apoio do atendimento do paciente TEA, muitas famílias afirmam que na prática não há esse acompanhamento e em todos os relatos, havia essa observação, de que o enfermeiro precisa ter uma atividade maior nessa dinâmica, pois o profissional deveria ter o manejo de como orientar e auxiliar essa família que está em uma fase complicada onde ainda aguarda o diagnóstico, ou não sabe como agir e ainda têm muitas dúvidas sobre o transtorno e precisam de apoio, e nessas questões que a enfermagem deveria agir, mas é exatamente o oposto que se manifesta (FERREIRA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Transtorno do Espectro Autista é um tema ainda muito ligado apenas ao meio da educação e saúde, de onde descendem a maioria das pesquisas, além das mais antigas, mas aos poucos ela vem integrando essas áreas, onde é avaliada de forma mais anatomofisiológica por pesquisadores da área.

Tal ação vem acrescentando mais informações em uma área que ainda precisa ser muito pesquisada e desenvolvida, principalmente quanto a coleta de dados em bases públicas da saúde, já que esses dados, mesmo que muito

relevantes, não são armazenados por bases de dados como TABNET/DATASUS.

É possível concluir após a finalização dessa pesquisa que, há uma grande necessidade de profissionais qualificados para o atendimento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista, mesmo durante a graduação, pois o graduado que vier a atuar na Atenção Primária, e até mesmo na Emergência, precisam ao menos de noções básicas de como se portar e como agir durante um atendimento, que por sua vez, se não for feito corretamente, pode acarretar em uma desconfiança do paciente com o profissional, laço que é muito importante para o cuidado.

Pode-se considerar também a necessidade de alguém qualificado quando se diz respeito ao atendimento dos cuidadores principais desses pacientes, que precisam de um acolhimento integral do enfermeiro, já que eles não têm qualquer conhecimento sobre o transtorno na maioria dos casos, e o enfermeiro também tem essa função na vida dos cuidadores, explicar para eles em uma linguagem simples, e é algo que não acontece e que muitos deles acabam lidando sozinhos com tais situações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, MFS. Ações de enfermagem no acompanhamento de pacientes com transtorno de espectro autista. **Repositório Institucional do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos** 2019.

BARBOSA, PAS; NUNES, CR. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno de espectro do autismo. **Múltiplos Acessos**, v. 2, n. 2, 16 dez. 2017.

ARAÚJO, MG. O papel do enfermeiro no apoio à criança autista. 2020. **Repositório UniCEUB**, 2020.

BONFIM, TA; et al. Family experiences in discovering Autism Spectrum Disorder: implications for family nursing. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 2020.

CANDIDO, LAP; ARAOZ, SMM. Práticas integrativas e complementares em saúde (pics): uso comum dentro da comunidade autista. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 6, n. 1, 2019.

CERNEV, F, HENTSCHE, L. A teoria da autodeterminação e as influências das necessidades psicológicas básicas na motivação dos professores de música. **Revista Da Associação Brasileira de Educação Musical**, 2013.

DARTORA, DD; FRANCHINI, B; MENDIETA, MC. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursing and Health**, V. 4 n. 1: 27-38, 2014.

DIAS, TR; NUNES, TPR; DAMAZIO, T; ZANELLA, R. Sistematização da assistência de enfermagem (sae), do cuidador de criança autista. **Encontro Científico Cultural Interinstitucional – XIII**, 2015, Cascavel- PR. Anal p. 1-11, 2015.

DUARTE, YS.; SILVA, PMR; DUARTE, FJV. Transtorno autístico: atuação do enfermeiro. **Caderno Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 9, n. 3, 2020.

FERNANDES, AFF; GALLETE, KGC; GARCIA, CD. A importância do cuidado de enfermagem diante do paciente com espectro autista. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 33, n. 65, p. 33-44, 2018.

FERREIRA, ACSS. FRANZOI, MAH Conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre os transtornos do espectro do autismo. **Revista Brasileira da Universidade Federal do Pernambuco** v. 13 n. 1, p. 51-60, 2019.

FORTE, S. Crianças e adolescentes autistas nos centros de atenção psicossocial de santos: dando voz aos familiares. **Repositório Institucional da Universidade Federal de São Paulo**, 2019.

FRANÇA, IS; SOUZA, MN; BUBADUE, RM. Conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre crianças com transtorno do espectro autista: revisão literária. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 3, n. 7, p. 188–196, 2020.

FRANZOI, MAH; et al. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial.

FURLANETO, PRS. Políticas públicas e programas municipais para a inclusão escolar de pessoas com deficiência na região metropolitana da baixada santista. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 25, n. 1, 2016.

GRIESI-OLIVEIRA, K; SERTIE, AL. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein (São Paulo)**, v. 15, n. 2, pág. 233-238, 2017.

GUEDES, MVC; HENRIQUES, ACPT; LIMA, MMN. Acolhimento em um serviço de emergência: percepção dos usuários. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 1, p. 31-37, 2013.

HOFZMANN, RR; et al. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 2, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, 2018. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>

MAPELLI, LD; et al. Child with autistic spectrum disorder: care from the family. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 4, 2018.

MARANHAO, SSA; PIRES, IAH. Funções executivas e habilidades sociais no espectro autista: um estudo multicaseos. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 17, n. 1, p. 100-113, 2017.

MARIA, MA; QUADROS, FAA; GRASSI, MFO. Sistematização da assistência de enfermagem em serviços de urgência e emergência: viabilidade de implantação. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 65, n. 2, p. 297-303, 2012.

NASCIMENTO, ERP; HILSENDEGER, BR; NETH, C; et.al. Acolhimento com classificação de risco: avaliação dos profissionais de enfermagem de um serviço de emergência. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 13, n. 4, p. 597-603, 2011.

NASCIMENTO, YCML; CASTRO, CSC; LIMA, JLR; ALBUQUERQUE, MCS; BEZERRA, DG. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 25425, n. 32, 2018.

OLIVEIRA, HS. Atuação do enfermeiro no cuidado à criança com transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura. **Repositório Institucional da Universidade Federal do Ceará**, 2018

SALIMENA, AMO; RENDÓN, DCS; AMORIM, TV. Vivências de mães de crianças com transtorno de espectro autista: estudo fenomenológico. **Enfermagem Brasil**, v. 17, n. 6, p. 654-61, 2018.

SENA, RCF; REINALDE, EM; SILVA, GWS; SOBREIRA, MVS. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.